



Outorga do Título de Professor Emérito a

Gilda Rocha de Mello e Souza



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Adolpho José Melfi
VICE-REITOR: Prof. Dr. Helio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Sedi Hirano
VICE-DIRETORA: Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara

<i>Título</i>	Outorga do Título de Professor Emérito a Gilda Rocha de Mello e Souza
<i>Edição/Criação</i>	Serviço de Divulgação e Informação
<i>Coordenação</i>	Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros - MTB 35814
<i>Diagramação</i>	Fernanda Silva Fernandes de Abreu Wiviane Ribeiro do Carmo
<i>Revisão</i>	Lúcia Helena Ferreira
<i>Formato</i>	15 x 21 cm
<i>Impressão</i>	Gráfica FFLCH/USP
<i>Tiragem</i>	150 exemplares

© Copyright 2002. Direitos de publicação da Universidade de São Paulo

**CERIMÔNIA DE OUTORGA DO TÍTULO
DE PROFESSOR EMÉRITO**

Profa. Dra. *Gilda Rocha de Mello e Souza*

SAUDAÇÃO PROFERIDA POR

Prof. Dr. *Victor Knoll*

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo

C415 Cerimônia de outorga do título de Professor Emérito: Profa. Dra. Gilda
Rocha de Mello e Souza.

São Paulo: SDI/FFLCH/USP, 2002.

20 p.

Discursos por Gilda Rocha de Mello e Souza, Victor Knoll, Jacques
Marcovitch

ISBN 85-7506-092-9



1. Ensino superior 2. Universidade (Questões Gerais) I. Souza,
Gilda Rocha de Mello e II. Knoll, Victor III. Marcovitch, Jacques
IV. Série

CDD 378



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
Maria das Graças de Souza	
DISCURSO DE SAUDAÇÃO	9
Victor Knoll	
DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO	15
Gilda Rocha de Mello e Souza	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
Jacques Marcovitch	
CORREÇÕES	21



CORREÇÕES

O discurso da Professora Gilda Rocha de Mello e Souza foi transcrito da fita cassete que documentou o ato de outorga do título de Professor Emérito e publicado sem revisão da autora. Isso explica omissões de palavras e algumas confusões. O principal a ser corrigido é o seguinte:

Página 15, linha 3 do 4º parágrafo, onde se lê “fisionomia inesperadamente asiática bem meridional” leia-se “fisionomia inesperadamente asiática e pronúncia bem meridional”. Na linha seguinte, onde se lê “do cinema americano de Mondo” leia-se “que o cinema americano divulgou”.

Página 16, linha 2 do 1º parágrafo, onde se lê “Carlos Bussen” leia-se “Carlo Ginzburg”. Na linha 8 do 2º parágrafo, onde se lê “Varram Abid al’Buru” leia-se “Aby Warburg”. Na linha seguinte, onde se lê “Goedel” leia-se “Winckelmann”. Na linha 14, onde se lê “do que o outro” leia-se “do que o europeu”.

Página 17, linha 5, onde se lê “sociedade dos reis alemães” leia-se “sociedade dos italianos e dos soberanos alemães”. No fim da página leia-se:

“Mesmo pensando em informações que parecem exatas, - teria o Aleijadinho realmente sido leproso? O fato de ser lembrado ao longo do tempo com o camartelo preso ao toco do braço não pode ser uma invenção popular? O fato de ser descrito sem dentes, sem pálpebras, violento, irascível e de trabalhar escondido em sua tenda, envolto num manto negro será verdadeiro? Será inegável? E o fato de não sair de casa, ou de sair esgueirando-se entre as pedras que os moleques atiravam? Mesmo levando em conta que pudesse ter sido leproso, dizia Bastide, é impossível aceitar que com o instrumento nos tocos dos braços ele tivesse conseguido fazer aquela obra de extraordinária perfeição técnica. Essa a razão que levou Bastide ao problema da caligrafia. A impressão que se tem é que o Aleijadinho era muito metuculoso, de modo que não foi difícil encontrar a sua assinatura nos papéis em que reconhecia ter sido pago. Examinando essas assinaturas...” etc.

Outros erros de transcrição não chegam a alterar o sentido.

APRESENTAÇÃO

Para o Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, o título de Professor Emérito, outorgado a alguns de seus membros nestes últimos anos, tem um significado muito especial, considerando a trajetória notável desta geração de professores, que, além de terem cumprido seu papel como professores, pesquisadores e formadores dos novos quadros, enfrentaram o período difícil da ditadura militar, pela qual foram perseguidos, afastados de suas funções acadêmicas, alguns deles presos ou exilados, além daqueles que, tal como sobreviventes de uma guerra insana, mantiveram vivo o Departamento, ameaçado de extinção.

Diferenças pessoais, teóricas e até políticas postas à parte, estes professores nos deixaram um legado comum, cujos traços vale a pena ressaltar: a aspiração universalista que permite tomar distâncias em relação a qualquer fundamentalismo, a autonomia do pensamento face às formas religiosas da representação da sociedade e da história, a exigência de rigor na consideração dos conceitos herdados da tradição, a função crítica da filosofia em relação ao nosso tempo e, enfim, a independência da filosofia em relação aos poderes constituídos. Estes princípios regeram a sua história, do ponto de vista do desempenho de suas funções na vida acadêmica, na docência e na pesquisa, mas orientaram também as suas tomadas de posição diante daquele difícil momento vivido pelo nosso país.

Assim, esta homenagem a nossos professores eméritos se desdobra numa homenagem aos cidadãos eméritos que foram e ainda são. Gostaríamos de dizer, em nome dos docentes do Departamento de Filosofia, na grande maioria seus alunos na graduação e nos anos de pós-graduação, que temos nos esforçado constantemente para correspondermos a este legado teórico e político.

Maria das Graças de Souza
Vice-chefe do Departamento de Filosofia



DISCURSO DE SAUDAÇÃO

Prof. Dr. Victor Knoll
Docente do Departamento de Filosofia

Gilda Rocha de Mello e Souza, nossa querida professora, colega e amiga. Em cerimônias como esta, o orador, movido pelo hábito, costuma usar o expediente retórico de externar a honra da qual se sente investido pelo fato de o Departamento lhe ter incumbido, em seu nome, de proferir a saudação de outorga do Diploma de Professor Emérito desta Casa.

Vou persistir no hábito retórico. Entretanto, vou deslocá-lo. De fato, é o Departamento de Filosofia que tem a honra em atribuir à Profa. Gilda Rocha de Mello e Souza o título de Professor Emérito, e, mais ainda, a honra em tê-la tido em seu quadro.

Todos nós, do Departamento de Filosofia, sentimo-nos honrados por - agora, prefiro dizer “Dona Gilda” como, carinhosamente, sempre foi tratada no Departamento de Filosofia -, então, como dizia, todos nós nos sentimos honrados por Dona Gilda ter participado do corpo docente do Departamento de Filosofia, ter sido nossa colega, e eu, em especial, por ter colaborado diretamente com ela. Este sentimento ultrapassa os limites do Departamento de Filosofia e é compartilhado, estou certo, por todos os colegas de nossa Faculdade, por força da trajetória que Dona Gilda cumpriu em nossa Universidade e do papel que nela desempenhou, ao que aqui vou referir de modo breve.

Muito poucas serão minhas palavras diante de tantas que seriam necessárias para dizer, relatar, detalhar, lembrar, para traduzir de maneira adequada a sua participação em nossa Faculdade. Como é sabido - e aqui apenas reitero -, Dona Gilda cumpriu no Departamento de Filosofia uma importante atividade no que diz respeito à formação dos alunos e isso por força de seu método no encaminhamento das aulas, no desenho de suas exposições, no comentário de obras artísticas. Pois, combinava em uma criativa alquimia a descrição do objeto, de determinada obra pictórica, tomada em seu imediatismo, e o

mesmo valendo, caso se tratasse de uma pontuada formulação teórica de Gombrich ou de Panofsky, então, como dizia, combinava a descrição do objeto com informações ou análises de ordem social, psicológica ou histórica. Isso sem marginalizar os aspectos formais ou estilísticos da obra, objeto de análise ou descrição. Tal habilidade em reunir todos esses lados resultava em uma apreensão ou interpretação da obra descrita que dissolvia a dicotomia “forma e conteúdo”, fazendo destes dois lados um só.

Outro ponto que deve ser mencionado em relação aos cursos proferidos por Dona Gilda é este: que em um momento muito peculiar de nossa recente história - refiro-me, em especial, ao início da década de 60 - seus cursos despertaram nos alunos o interesse pelas coisas do Brasil. Foi o caso quando, em 1961, - se a memória não me trai - realizou o primeiro curso sobre o pensamento estético de Mário de Andrade. Curso que talvez fizesse inveja ao próprio Mário de Andrade, em virtude da rigorosa sistematização do pensamento, da organização dos conceitos estéticos, do domínio dos diferentes âmbitos da obra do poeta e pensador. Curso que marcou de modo definitivo todos aqueles que o assistiram, e do qual sou testemunha. Curso que, naquele momento, fez desabrochar muitas vocações e orientou o trabalho artístico de alguns, ou de pesquisa acadêmica de outros, ou a atividade jornalística de terceiros, que então estavam dando os seus primeiros passos em suas carreiras. Carreiras que certamente tiveram e têm nos cursos de Dona Gilda uma referência. Dona Gilda foi - em sua atividade docente no Departamento de Filosofia -, em sentido próprio, uma formadora de pessoas.

Quero ainda insistir sobre aquele ponto que referi atrás, relativo ao método, à postura no tratamento das questões ou dos temas e que norteava as suas exposições, fossem sobre a estética de Mário de Andrade, fossem sobre as vanguardas, fossem sobre uma formulação teórica colhida em Francastel, fossem a propósito da consideração de determinada obra de arte: o corpo a corpo com objeto - como se o tivesse sob os olhos pela primeira vez -, e a sua progressiva iluminação ao incorporar à análise - à descrição do objeto - aspectos históricos, psicológicos, antropológicos, sociais. Este procedimento se mostrava extraordinariamente rico e, em particular, quando voltado para a análise e interpretação de obras de arte específicas, quero dizer: as pinturas de Anita Malfatti “O

Homem Amarelo” ou “A Estudante Russa”, ou os Poemas de Mário de Andrade: “Brazão” ou “A Meditação sobre o Tietê”, ou ainda, o filme de Felline “Oito e Meio”.

Esta atitude de Dona Gilda, de assumir a presença concreta do objeto, de determinada obra de arte, motivou certa vez um comentário do Prof. Cruz Costa que me segredou ao fim de uma aula: “Dona Gilda põe este Departamento nos trilhos”.

De fato, as aulas de Dona Gilda se caracterizavam como uma correção de rota, repondo-nos no caminho dos fatos, dos eventos, das coisas, do pulsar concreto da realidade - sobre os trilhos da efetividade - e assim pudéssemos resistir à sedução (própria de quem está dando os primeiros passos na experiência da filosofia) dizia, de modo que pudéssemos resistir à sedução de percorrer caminhos que conduziam à árida terra das abstrações mal construídas. Dessa maneira, Dona Gilda nos ensinou a exercitar essa difícil disciplina - a reflexão sobre o universo artístico - a partir de um enfrentamento direto de seu objeto - a obra de arte -, redundando de um lado na descoberta das coisas do Brasil (algo muito importante para quem tinha 18 ou 20 anos no final da década de 50), e, de outro lado, ter nesse enfrentamento o terreno sólido para outro enfrentamento, o da teoria.

Mas, importa lembrar ainda um outro ponto: a sua lição se dava não apenas na sala de aula, mas também no saguão da Faculdade ou nos corredores à saída das aulas quando comentava um filme que estava em cartaz, ou preparava o nosso espírito para uma peça teatral que acabava de estrear, ou ainda nos aconselhava a nos deter nesta ou naquela sala da Bienal de São Paulo. E isso estimulava extraordinariamente a nossa sensibilidade ainda jovem e disponível para as efetivas descobertas.

A preocupação com as coisas do Brasil está presente também em seus escritos - estudos sobre Clarice Lispector, Jorge Andrade, Paulo Emílio, a pintura brasileira são exemplos. Mas volta seu olhar também para Fellini, Tchecov e, em um brilhante ensaio - que originalmente foi a aula inaugural dos cursos do Departamento de Filosofia do ano de 1972 - Dona Gilda procura compreender (e compreende!) “A estética rica e a estética pobre dos professores franceses”, Jean Maugüé, Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide - professores que deram acabamento à sua formação e que, como sabemos, desempenharam

Gilda Rocha de Mello e Souza

um papel decisivo na consolidação desta Faculdade e, certamente, ainda mais, de nossa Universidade.

Os textos de Dona Gilda - permitam-me a regência algo extravagante - bailam pelas quatro artes: literatura, teatro, cinema, pintura. O método de suas exposições orais aqui reaparece: econômico, sóbrio, eficiente; o estilo: limpo, claro, franco, direto. Cada ensaio é uma lição, eu diria, do “necessário”: nada, na condução das descrições e das análises, é supérfluo. Nada está a menos. O texto é justo.

De sua obra escrita quero destacar uma, um livro, um grande livro, que hoje é já um clássico: *O Espírito das Roupas*. Originalmente tese de doutorado, sob o título “A Moda no Século XIX”, escrito em 1950, reeditado em 1987. Trata-se de um texto de referência. *O Espírito das Roupas*, cujo estilo sóbrio deixa transparecer uma fina sensibilidade literária, em favor de acurada análise, traça o perfil das formas de uma época - a imagem que o indivíduo e a sociedade tinham de si mesmos espelhada nas vestimentas.

Dona Gilda nesse trabalho, investe em diversas frentes: da teoria Estética à Psicologia, de tal modo que essas disciplinas encontram-se integradas em seu texto, de modo que não podemos separar umas das outras. Não há que insistir sobre *O Espírito das Roupas*, pois seria insistir sobre um clássico. E isso que costumamos chamar por “clássico” é o solo fértil a partir do qual novas obras podem ser edificadas. Entretanto, antes de *O Espírito das Roupas* aparecer como livro, um dos capítulos, precisamente o último, “O mito da Borracheira”, foi publicado na revista *Discurso*, número sete, de 1976. Ah! revista *Discurso*!

E aí temos outra iniciativa de Dona Gilda: a criação da revista *Discurso*, órgão do Departamento de Filosofia, que encontrou a sua consolidação como publicação graças à persistência de Dona Gilda ao dirigi-la durante os seus primeiros anos. O primeiro número apareceu em 1970. Na ocasião, a criação da revista *Discurso*, que certamente tinha como propósito veicular a produção acadêmica, entretanto, tinha também, no interior do plano acadêmico, a perspectiva de atuar como resistência política dentro da

Universidade. No mínimo, para que nela tivéssemos um ponto de referência, para que nela tivéssemos o sinal de nossa união. Hoje, a revista *Discurso*, que em agosto próximo estará chegando no seu trigésimo número e, portanto próxima do trigésimo aniversário, é uma revista reconhecida no seio da comunidade acadêmica, por força de sua seriedade e do alto padrão científico dos ensaios que dá a público. Esta combinação de seriedade e de darmos o melhor de nós mesmos na produção científica é a marca que Dona Gilda deixou impressa na revista *Discurso*.

Como já sugeri, a revista *Discurso* surgiu em um momento cheio de turbulência e de tristeza: gestada ao longo de 1969, veio à luz em 1970 quando a ditadura militar se consolidara no poder, virulenta, levando o terror para todos os lados do país. Desde o momento em que nossos colegas Bento Prado Jr. e José Arthur Gianotti foram arbitrariamente cassados pela ditadura e outros colegas, como Ruy Fausto, foram obrigados a abandonar o país sob pena de cair nas malhas da tortura, Dona Gilda assumiu a chefia do Departamento de Filosofia e, graças a ela, este Departamento sobreviveu. A atividade de Dona Gilda no Departamento não se restringiu à docência e à pesquisa. Desenvolveu um papel político fundamental. Ainda mais uma vez: deve-se a ela a sobrevivência do Departamento de Filosofia à ditadura militar.

E graças a ela, ainda que fragilizado naquele momento, o Departamento de Filosofia pôde manter a linha de trabalho intelectual, de pesquisa e de ensino, inaugurada pela missão francesa quando da fundação de nossa Universidade e, logo em seguida, sustentada pelos nossos queridos mestres, professores Cruz Costa e Lívio Teixeira.

No interior de tempos tão sombrios e incertos, feitos de amargura por colegas e amigos torturados ou mortos, Dona Gilda encontrava forças - colhidas dentro de seu coração generoso - para uma palavra, uma atitude, um gesto de compreensão ou de amparo para com os colegas aflitos. Não há que insistir sobre o horror que passamos, mas, sim, há que insistir sobre a dignidade com que Dona Gilda conduziu o Departamento, transmitindo ao Departamento essa dignidade.

O Departamento de Filosofia agradece, reconhecido, o trabalho teórico que Dona Gilda prestou em seu favor; o Departamento de Filosofia agradece, comovido, o grande exemplo ético que Dona Gilda nos legou ao manter o Departamento de Filosofia, vivo, sobre os seus próprios pés. Dona Gilda, obrigado.



DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO

Gilda Rocha de Mello e Souza

O título honroso que estou recebendo hoje não é apenas meu, é também dos meus companheiros fiéis representados aqui pelo Prof. Victor Knoll. Muito obrigada.

Nos últimos dias, me dediquei a examinar atentamente alguns dos exemplares iniciais de nossa revista, não por curiosidade, mas por afeto. Vendo-a pobre, com menos de 96 páginas, em sua roupa singela bege e preta, agora, como quem recebe com orgulho um filho pródigo, posso tê-la na mão muito bonita por dentro e por fora. Muito obrigada aos meus alunos e companheiros por esse momento.

Não quero me estender muito, vou dizer apenas duas ou três palavras para agradecer o título que eu acabo de receber e para agradecer a presença de todos que vejo a minha volta: família, colegas, amigos, funcionários e professores dessa casa, que espero tenham deixado em mim a sua marca. Para quem, como eu, teve o privilégio de conhecer um grande professor como Roger Bastide, vou fazer, rapidamente, uma menção a ele, como ele era fisicamente e como era o seu método de trabalhar.

Quando o Prof. Bastide chegou ao Brasil, em 1938, nossa Faculdade era muito jovem e eu acabava de passar para o segundo ano de Filosofia. Ele tinha perto de 38 anos, fisionomia inesperadamente asiática bem meridional. Era, enfim, um francês atípico, sem sotaque parisiense. Um francês bem diverso do modelo do cinema americano de Mondo. Na extrema mocidade tinha atravessado um período místico, feito estágio na boemia surrealista apresentando sempre um acentuado pendor pela arte e pelas culturas primitivas. Esses fatores devem ter facilitado a sua aclimação rápida ao país e, hoje, com os recursos da nova historiografia eu diria que ele soube avaliar muito bem a realidade

que tinha pela frente, sobretudo porque ao invés de apoiar-se no conhecimento científico preferia servir-se do conhecimento conjectural, isto é, por aquele conhecimento que Carlos Bussen vai definir tão bem. Conhecimento fixado no Oriente, nas narrativas orientais em que a verdade é sempre desvendada por meio de uma série coerente de sinais imperceptíveis e de provas mudas que nós temos de ajudar a decifrar.

Deveríamos a esse raciocínio etapas muito importantes da civilização como, por exemplo, o nascimento do diagnóstico médico, infelizmente abandonado nos dias de hoje; o romance policial de Conan Doyle e, coisa inesperada, a descoberta da peritagem, na pintura, feita por Morelli. O que era admirável no Prof. Bastide era a utilização que ele fazia desses métodos artesanais de informação, que o fazia interessar-se pelos alunos, pedindo-lhes que lhe contassem seus sonhos. Uma série de informações que, às vezes, ele lia do avesso ou punha de cabeça para baixo. Era como se conhecesse a afirmação de Varram Abid al'Buru de que “Deus está no particular”, como se tivesse demonstrando aquela sensibilidade para os pequenos discernimentos de que falava Goedel. Quando fazia crítica literária ou de arte, e era um crítico excelente, percebia com facilidade os cacotes do autor, as obsessões, os lapsos, o afastamento ou aproximação excessiva dos modelos de que ele partia. Tomemos dois exemplos do seu estudo clássico de nosso Barroco e da pergunta que todo mundo faz: “por que o nosso Barroco é tão mais modesto do que o outro?”. Essas aulas eu me lembro ter assistido. Dizia ele que não é só porque a Igreja brasileira é diferente da Igreja da Europa e que pertence ao povoado ou a uma região muito pobre. As razões econômicas não são suficientes para explicar uma série de diferenças que vão ocorrer na Igreja brasileira, por exemplo, a simplificação do risco das fachadas e a redução dos ornatos na parte interna do templo. Entre os vários motivos que ele alinhava, em primeiro lugar, ele apontava a falta de um período protestante contra o qual a Igreja Católica tivesse que reafirmar seu poderio. Então, as marcas do poderio, ou pelo menos uma das principais, eram a riqueza interna e externa. Em seguida, porque no Brasil a sociedade leiga não estava tão ligada ao clero, porque a Igreja estava muito ligada à catequese e tomava muito o partido dos índios contra os colonos, então não era preciso defender as Igrejas. E porque o traçado das igrejas era um traçado vindo de uma

época em que, na Europa, elas eram muito ricas e esses traçados dependem em grande parte do arquiteto e de seu nível intelectual, e nós não tínhamos aqui especialistas desse tipo. Em último lugar, entre as principais razões que o Roger Bastide dava, porque a sociedade colonial brasileira era patriarcal e não aristocrática e, portanto, era muito diferente da sociedade dos reis alemães, o que podia refletir a simplicidade do meio social como interpretava a carência de cultura arquitetônica. Entre essas coisas, no entanto, a mais bonita que eu vi no curso foi a análise do Aleijadinho, que hoje é tida como a clássica, mas na época foi muito inovadora. Ao analisar com atenção os vários elementos fornecidos pela bibliografia de Antônio Francisco Lisboa, Roger Bastide conclui que todos eles derivam da mesma fonte, isto é, Maria Lopes e elas compõem a volta do grande arquiteto, do grande santeiro também, com um halo de lenda. O mesmo halo que costuma flutuar a volta do santo ou do artista. Vendo rapidamente essa lenda, constatamos que o artista não é um homem como os outros, ele é apresentado, por um lado, como um semideus e, do outro, como um fora da lei, ele fica marcado, portanto, por uma certa maldição. Muitas vezes, ele é marcado como um louco, assassino, um miserável, como dizia Bastide, haja vista Hércules e Teseu. Ou também certos poemas de Baudelaire ou Rimbaud, onde há uma imagem do louco, do grande artista, do gênio que é anterior à própria existência do gênio e que vai, inclusive, formar o conhecimento.

Mesmo nas informações que parecem extremamente exatas, como o Aleijadinho ter sido leproso, mas o fato de ele ser lembrado por nós todos ao longo do tempo com um martelo atado ao toco do braço pode ser uma invenção popular. O fato de ele ser descrito com ou sem dentes, sem pálpebras, violento, irascível e viver escondido em sua tenda envolto em um manto negro será verdadeiro, será inegável? O fato de ele não sair de casa, porque quando sai é esgueirando-se entre as pedras que os moleques atiram, mesmo levando em conta que ele pudesse ser leproso, dizia Bastide, é impossível aceitar que com o instrumento atado nos tocos dos braços ele tivesse conseguido fazer uma obra de extraordinária perfeição técnica. Então era nessa razão que Bastide desenvolvia o tratado da caligrafia, a impressão que se tem é que ele era muito metódico. Então não foi difícil encontrar a sua assinatura nos papéis em que ele reconhecia ter sido pago e, examinando

essas assinaturas, conclui-se que, se lembrarmos, sobretudo, que ele morreu com 84 anos, e essa caligrafia é a de um homem de 65 anos, é uma caligrafia perfeita. Quanto ao tema do talento, uma das fábulas que se contam é que o Aleijadinho não adquiriu o talento que ele tinha, mas que esse lhe foi dado de forma divina. É possível que ele não soubesse o latim como se diz, ele era um homem bronco, mas é certo que ele pertencia a uma família relativamente erudita porque o pai dele tinha sido discípulo de Batista Gomes o qual, por sua vez, fora aluno de dois dos melhores gravadores franceses da época. Então, conferindo argumento por argumento, o Prof. Bastide chegava à conclusão que aquilo que havia na representação que o povo tinha guardado de Aleijadinho era absolutamente falso e coincidia, isto sim, com a representação tradicional e universal de que o artista é sempre marcado por um destino terrível.

Não tenho muito mais coisas para lembrar, para dizer aos senhores sobre isso. Não é uma situação em que eu me saia muito bem, mas isso mostra com um método, muito mais parecido, inclusive, com o método de Conan Doyle, ir descartando uma a uma as interpretações incorretas. Por que eu me lembrei disso? Porque pode-se dizer que o jovem Bastide foi na história do Barroco brasileiro, um momento tão importante quanto tinha sido para a revolução do Barroco a ida de Mário de Andrade a Minas Gerais em 1919. A primeira vez em que se fala do Aleijadinho de uma maneira civilizada é nos primeiros trabalhos de Mário de Andrade sobre ele. É possível dizer que a maneira final em que nós acabamos conhecendo o papel do Aleijadinho foi com a passagem de Roger Bastide pelo Brasil.

Eu queria agradecer a homenagem do Prof. Victor Knoll. E eu acho que ele não vai ficar aborrecido em saber que para mim também a estadia no Departamento num momento tão difícil quanto o da “tragédia” foi importantíssimo. Então, eu agradeço sobremaneira porque a pessoa que esteve aqui para me saudar foi uma pessoa que esteve ao meu lado, como uma espécie de chefe que me deu coragem, de modo que ele foi muito bem escolhido para me lembrar esse tempo que eu tive, quando alguns de nossos auxiliares estavam sofrendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não sei a quem devo cumprimentar primeiro, se à professora Gilda Rocha de Mello e Souza pela distinção que lhe é conferida, ou se à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas que enriquece com mais este grande nome sua tão seleta galeria de professores eméritos. Talvez, deva saudar, na mesma medida, a instituição e a professora. Ambas têm os seus nomes de tal modo entrelaçados, que este ato acadêmico, além de justo, é o coroamento previsível de uma relação construída com uma dedicação mútua e permanente.

Esta homenagem já estava tardando. É incorreto demonstrar a evolução da pesquisa sociológica no Brasil sem mencionarmos o trabalho desenvolvido por Gilda de Mello e Souza, a começar pela sua tese “A Moda no Século XIX”, apresentada há quase cinquenta anos, e ainda hoje lembrada como um dos documentos mais originais e mais densos do acervo de teses da Universidade de São Paulo. Foi este o ponto de partida para outros livros e ensaios que marcam a preocupação da pesquisadora em estabelecer, com extraordinária proficiência, os nexos entre a sociologia e os problemas da arte e da estética.

Ao defender aquela tese memorável, ela deu uma guinada, intencional e oxigenadora, nas regras dominantes em abordagens acadêmicas. Inovou igualmente no referencial teórico, incorporando testemunho de romancistas e imagens de pintores e fotógrafos da época. Usando as roupas e a moda como indicativos do modo de ser, fez uma verdadeira revolução, que somente décadas mais adiante seria retomada pelo mais revolucionário dos sociólogos brasileiros, Gilberto Freyre, ao lançar o livro *Modos de homem & modas de mulher*. Esta obra da maturidade gilbertiana, publicada no mesmo ano em que Gilda também deu formato de livro à sua tese, não veio apenas referendar a validade do tema na década de 50. Veio demonstrar a sua permanente atualidade como instrumento de pesquisa sociológica. O livro de Gilda, *O espírito das roupas*, lançado em 1987, guarda plena relação com a tese, sofrendo apenas leves retoques na estrutura e mantendo, rigorosamente, sua essência analítica.

Gilda Rocha de Mello e Souza

Há quem diga que, ao seguir uma linha de abordagem artística, Gilda refletiu a influência de Roger Bastide em sua formação. Isso é rigorosamente verdadeiro, mas aqui vem um leigo, com a ousadia dos leigos, para invocar o nome de Mário de Andrade, a quem ela está ligada inclusive por laços familiares. Não tendo sido (incompreensivelmente) um acadêmico, Mário, alimentou, com a sua obra em livros e cartas, a mais profunda reflexão estética realizada no Brasil, nela incluída aquela empreendida por nossa homenageada. Creio que Gilda receberá com agrado esta evocação. Se vivo fosse, a estaria cumprimentando “com um abraço de quebrar ossos”, (como costumava dizer), pelo merecidíssimo título de Professor Emérito. Ao carinho imaginário do grande brasileiro Mário de Andrade, cuja obra ela analisou com maestria, juntamos os nossos abraços, muito agradecidos, por suas lições de integridade acadêmica e intelectual.

Prof. Dr. Jacques Marcovitch
Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo